

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Revisitar os Grandes Géneros: Era Uma Vez... O Western (Parte II – Conclusão)

4 e 14 de Julho de 2025

DA UOMO A UOMO ou DEATH RIDES A HORSE / 1967

(A Morte Vem a Cavallo)

Um filme de Giulio Petroni

Realização: Giulio Petroni / Argumento: Luciano Vincenzoni / Fotografia: Carlo Carlini / Direcção Artística: Franco Bottari e Rosa Cristina / Música: Ennio Morricone / Som: Elio Pacella / Montagem: Eraldo Da Roma / Interpretação: Lee Van Cleef (Ryan), John Philip Law (Bill Meceita), Mario Brega (One-Eye), Luigi Pistilli (Walcott), Anthony Dawson (Burt Cavanaugh), José Torres (Pedro), Franco Balducci (xerife), Bruno Corazzari (barman), Felicita Fanny (Martita), Ignazio Leone (pregador), Carlo Pisacane (chefe de estação), etc.

Produção: PEC / Produtores: Al Sansone e Henry Chrosycki / Cópia: 35mm, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 117 minutos / Estreia em Portugal: Águia d'Ouro (Porto), a 16 de Setembro de 1969.

Nota: como frequentemente aconteceu com filmes italianos deste período e deste género (o western-spaghetti), existiu uma versão para o mercado interno, falada em italiano, e uma versão para o mercado estrangeiro, falada em inglês. A cópia que vamos ver corresponde a essa versão internacional, com diálogos em inglês e o título **Death Rides a Horse**.

Da Uomo a Uomo foi um filme relativamente popular na sua época, que era uma época de plena expansão do western-spaghetti. Há antecedentes, mas a via da popularização do género foi aberta no princípio da década de 1960, e altamente acelerada depois da estreia, em 1964, do primeiro momento da célebre trilogia de Sergio Leone, **Per un Pugno di Dollari**. Ao ponto de o western-spaghetti se tornar o principal esteio da produção cinematográfica italiana: segundo uma relação, provavelmente não exaustiva, que encontramos na internet, só no ano de 1967 viram a luz 64 (!) westerns-spaghetti. De certa forma, eram filmes que se iam cavalgando uns aos outros, quase uma relação de simbiose a construir paulatinamente uma mitologia própria e um “star system” próprio - no que toca ao elenco, em **Da Uomo a Uomo** um bom sinal dessa simbiose, na forma como o filme de Giulio Petroni aproveita e alimenta a aura de um actor como Lee Van Cleef, lançado no género justamente pela trilogia de Sergio Leone (mas no elenco, em papeis proeminentes, encontramos outros actores que também estiveram nesses Leones, como Mario Brega e Luigi Pistilli). A descoberta “original” de **Da Uomo a Uomo**, ainda no que respeita ao elenco, é John Philip Law, aqui trazido, pela primeira, para este lado do Atlântico, onde ficaria ainda muitos anos, e em filmes de muito géneros.

Naturalmente, o domínio do género começou a chamar realizadores sem obra feita dentro dele. Esse era o caso do relativamente obscuro Giulio Petroni (1917-2010), que

até aqui, e numa carreira iniciada no final dos anos 50, trabalhara essencialmente dentro de outro género italianíssimo, a *commedia*, e depois voltou pontualmente ao spaghetti, assim como, acompanhando as tendências da produção italiana, voltou também à *commedia*, na sua variante *sexy* muito popular nos anos 1970.

Esta obra ficou bastante obscura, mas curiosamente houve muitos filmes de Petroni a estrear em Portugal nos anos 60 e 70, talvez os espectadores mais antigos tenham dela alguma memória que os mais novos dificilmente terão (até porque esta sessão representa a primeira vez em que a Cinemateca exhibe um filme de Giulio Petroni). Sem essa memória, **Da Uomo a Uomo** é um pouco como encontrar um “filme único”, sem um contexto, sem uma “obra”, onde ser inserido. Nesse sentido, e dificultada a tarefa de falar dele na perspectiva das idiosincrasias autorísticas, é sobretudo género – o filme de género – que se impõe, como se através de **Da Uomo a Uomo** fosse essencialmente o western-spaghetti a falar.

Aí, reconhecemos bem algumas características do género no seu conjunto, feitas viver com alguma frescura. Essa ideia do western-spaghetti como um “presépio” do western americano, um “diorama”, assente na ritualização e cristalização de figuras, elementos e situações que já não estão, digamos assim, numa “vida natural” e se tornaram matéria de representação e de evocação. Filma-se essencialmente a mitologia do western, portanto, com um sentido de necessidade completamente diferente – na relação com o espaço, por exemplo, porque geograficamente não se está a filmar a América, mas um “faz de conta” encontrado nas paisagens da Andaluzia em torno de Almeria, o “monument valley” do western-spaghetti.

Embora essa relação com a América possa em muitos casos existir, e até numa dimensão crítica, política, de análise e decomposição das formas do western americano, essa *distância* favorece a abstracção, a abertura do género a toda a sorte de ressonâncias míticas e mitológicas, da Antiguidade à grande tradição dramaturgica ocidental. Claro que isto também já existia no western americano (por todos os exemplos possíveis, **The Searchers**), mas no spaghetti existe de forma muito mais auto-consciente, muito mais ritualizada. **Da Uomo a Uomo** vive, no seu coração, dessas ressonâncias arquetípicas: não tem, propriamente, nenhum comentário “histórico” a fazer, está completamente livre para ser habitado por esses ecos, pela (dupla) odisséia de vingança (a de van Cleef e a de Law, que tendo o mesmo objecto têm razões diferentes) mas ainda mais pela surdina (enquanto é surdina) da relação entre eles, a relação paternal/filial (como no **Searchers** também, entre Wayne e Jeffrey Hunter, para ficar outra vez só com um dos quinhentos exemplos possíveis) cuja profundidade vai sendo sugerida e administrada pela evolução da intriga.

Dentro disto, o “presépio” é bem montado: toda a sequência final, com os vários grupos a prepararem-se para o confronto final, tem uma tensão, toda feita de suspensão, perfeitamente conseguida, para que muito ajuda a sensibilidade de Petroni no tratamento do scope. Tem momentos em que esse tratamento, no jogo entre a contracção e a expansão espacial, faz lembrar John Carpenter, o que não é magro elogio – o mesmo Carpenter que muitos anos depois, iria filmar Lee Van Cleef no seu western apocalíptico, **Escape From New York**.

Luís Miguel Oliveira